

Editorial nº 24, Dezembro/2021

Mais de 614 mil mortos por covid-19 no Brasil, dados de hoje, 27/11/2021. Nós da *Revista Crítica Histórica* novamente expressamos solidariedade às famílias enlutadas e nos colocamos ao lado de todos que estão comprometidos com a democracia, em luta pelo fim do desgoverno neofascista! Reafirmamos que essa é a responsabilidade histórica da nossa geração!

O avanço da vacinação no país comprovou que a imunização é o único meio eficaz de combater a pandemia. A campanha de vacinação precisa continuar ainda e atingir 100% da população adulta, jovens e crianças. Além disso, os cuidados devem ser mantidos e os desafios só aumentam com os retornos presenciais nas escolas, no geral sem estrutura e condições para proteção das suas comunidades. Continuamos patinando, sobrevivendo apesar de um governo com pulsão de morte e que insiste em nos matar ou criar novas formas de aniquilamento e venda do país todos os dias.

É notável que neste ano tão difícil a *Revista Crítica Histórica* traga dois dossiês de grande relevância científica e política. O Dossiê *Escravidão e Pós-Abolição no Brasil*, organizado por Gian Carlo de Melo e Maria Emília Vasconcelos, no primeiro semestre; e agora, apresentamos ao público o Dossiê *África: saberes, pesquisas e aprendizagens*, organizado pelas professoras Flávia Maria de Carvalho e Ingrid Silva de Oliveira Leite. Os leitores e leitoras poderão conferir na íntegra artigos e resenha de especialistas de grande reconhecimento na área.

A seção de *fluxo contínuo*, por sua vez, continua abrindo espaço a diferentes temas produzidos a partir de pesquisas originais. Rejane Rodrigues articula uma abordagem interessante a respeito das “fake News” do passado e do presente no artigo “*Um astro do crime: diversos perfis de Antônio Dó pela imprensa norte-mineira*”. O professor Marcos Guedes, articulando metodologias qualitativas e quantitativas, em “*Economia e crise sanitária na província da Bahia: os casos de febre amarela e cólera-morbo (1849-1856)*” contribui com o estudo sobre os impactos econômicos sofridos naquele território durante a epidemia de febre amarela e a pandemia do cólera-morbo. Em seguida, temos de Ricardo Batista Ferreira, Thiago Araújo Martins e Victor André Pinheiro Cantuário, um estudo de caso sobre o “*Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá: (im)possibilidades para a discussão da diversidade de gênero na formação docente*”. Já Isabela Augusta Carneiro

Bezerra, aprofunda os estudos em torno da Guerra dos Mascates no artigo “*Paraíba em armas: João da Maia da Gama e a Guerra dos Mascates*”, buscando perceber quais as possíveis motivações e estratégias políticas envolvidas na ação do governador, bem como observar suas práticas no exercício de suas funções governamentais, observando seus limites jurisdicionais e a possibilidade de autonomia frente às diretrizes metropolitanas. Em “*Reflexões sobre masculinidade e gênero: expressões em grafitos escolares*” Bruno Rogério Cardoso e Tânia Regina Zimmermann analisam algumas representações de masculinidade hegemônica e de hierarquias de gênero presentes em grafitos escolares produzidos por adolescentes em uma escola estadual no noroeste paulista, entre os anos de 2018 e 2019. Também trazemos o artigo de Franklin Fernandes Pinto, intitulado “*A utilização de trabalhadores escravizados na pequena produção do Continente do Rio Grande de São Pedro (Jaguarão/RS, 1802 – 1835)*” no qual busca problematizar as escravarias encontradas nesses pequenos estabelecimentos rurais, assim como apontar indagações e provocações iniciais sobre a necessidade de compreendermos onde essa mão de obra era empregada no meio rural do Rio Grande do Sul colonial.

As *Resenhas* complementam o número com análises de obras valiosas. Ricardo Alves da S. Santos em “*O racismo estrutural no Brasil: desafios para o pensamento e atitudes antirracistas*” apresenta a obra essencial de Silvio de Almeida, “*Racismo estrutural*” publicada em 2020. Nabylla Fiori de Lima trata do livro *Civilização, tronco de escravos* de Maria Lacerda de Moura, com a resenha intitulada “*Civilização, tronco de escravos: Um protesto radical pela liberdade integral*”.

Como as edições da *Revista Crítica Histórica*, em 2021, foram especialmente marcadas por produções em torno da luta antirracista, encerramos esse editorial com o poema *Protesto* de Carlos de Assumpção, dedicando-o à luta dos povos africanos e afrodescentes, originários e periféricos do Brasil. Faremos Palmares de novo! Boa leitura!

Protesto (1982)

Mesmo que voltem as costas

Às minhas palavras de fogo

Não pararei de gritar

Não pararei

Não pararei de gritar

Senhores

Eu fui enviado ao mundo

Para protestar

Mentiras ouropéis nada

Nada me fará calar

Senhores

Atrás do muro da noite

Sem que ninguém o perceba

Muitos dos meus ancestrais

Já mortos há muito tempo

Reúnem-se em minha casa

E nos pomos a conversar

Sobre coisas amargas

Sobre grilhões e correntes

Que no passado eram visíveis

Sobre grilhões e correntes

Que no presente são invisíveis

Invisíveis mas existentes

Nos braços no pensamento

Nos passos nos sonhos na vida

De cada um dos que vivem

Juntos comigo enfeitados da pátria

Senhores

O sangue dos meus avós

Que corre nas minhas veias

São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará

Comovido ante meu sofrimento

Quem é que está gritando

Quem é que lamenta assim

Quem é

E eu responderei

Sou seu irmão

*Irmão tu me desconheces
Sou eu aquele que se tornara
Vítima dos homens
Sou eu aquele que sendo homem
Foi vendido pelos homens
Em leilões em praça pública
Que foi vendido ou trocado
Como instrumento qualquer
Sou eu aquele que plantara
Os canaviais e cafezais
E os regou com suor e sangue
Aquele que sustentou
Sobre os ombros negros e fortes
O progresso do país
O que sofrera mil torturas
O que chorara inutilmente
O que dera tudo o que tinha
E hoje em dia não tem nada
Mas hoje grito não é
Pelo que já se passou
Que se passou é passado
Meu coração já perdoou
Hoje grito meu irmão
É porque depois de tudo
A justiça não chegou
Sou eu quem grita sou eu
O enganado no passado
Preterido no presente
Sou eu quem grita sou eu
Sou eu meu irmão aquele
Que viveu na prisão
Que trabalhou na prisão
Que sofreu na prisão
Para que fosse construído*

O alicerce da nação
O alicerce da nação
Tem as pedras dos meus braços
Tem a cal das minhas lágrimas
Por isso a nação é triste
É muito grande mas triste
E entre tanta gente triste
Irmão sou eu o mais triste
A minha história é contada
Com tintas de amargura
Um dia sob ovações e rosas de alegria
Jogaram-me de repente
Da prisão em que me achava
Para uma prisão mais ampla
Foi um cavalo de Troia
A liberdade que me deram
Havia serpentes futuras
Sob o manto do entusiasmo
Um dia jogaram-me de repente
Como bagaços de cana
Como palhas de café
Como coisa imprestável
Que não servia mais pra nada
Um dia jogaram-me de repente
Nas sarjetas da rua do desamparo
Sob ovações e rosas de alegria
Sempre sonhara com a liberdade
Mas a liberdade que me deram
Foi mais ilusão que liberdade
Irmão sou eu quem grita
Eu tenho fortes razões
Irmão sou eu quem grita
Tenho mais necessidade
De gritar que de respirar

*Mas irmão fica sabendo
Piedade não é o que eu quero
Piedade não me interessa
Os fracos pedem piedade
Eu quero coisa melhor
Eu não quero mais viver
No porão da sociedade
Não quero ser marginal
Quero entrar em toda parte
Quero ser bem recebido
Basta de humilhações
Minh'alma já está cansada
Eu quero o sol que é de todos
Quero a vida que é de todos
Ou alcanço tudo o que eu quero
Ou gritarei a noite inteira
Como gritam os vulcões
Como gritam os vendavais
Como grita o mar
E nem a morte terá força
Para me fazer calar¹*

Irinéia Maria Franco dos Santos

Pelo Conselho Editorial

Maceió, dezembro de 2021

¹ Disponível em: <http://ermiracultura.com.br/2020/07/26/cinco-poemas-de-carlos-de-assumpcao/> . Data de acesso: 27/11/2021.